VOLPONI, Sofia Zarpelon; FREITA, Tais Marcela Aciolo de; FREITAS, Lucélia

Prevalência do Autismo entre Meninos e Meninas: uma Análise Comparativa dos Fatores de Gênero em Diagnósticos de Autismo

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta aproximadamente 1% da população mundial, sendo diagnosticado com maior frequência em meninos do que em meninas, com uma razão de quatro para um. Este estudo explora a discrepância entre diagnósticos de TEA em meninos e meninas e investiga os fatores que contribuem para essa diferença. A pesquisa bibliográfica foi conduzida utilizando artigos científicos, teses, dissertações e livros, com foco em entender a influência de fatores socioculturais e sintomáticos na subidentificação do TEA em meninas. Os resultados indicam que o viés na prevalência pode ser atribuído ao histórico de diagnóstico, que priorizou o estudo de pacientes masculinos, e à falta de ferramentas diagnósticas sensíveis às manifestações femininas do TEA. A camuflagem social, onde meninas imitam comportamentos neurotípicos para se adaptarem, e a apresentação mais sutil dos sintomas contribuem para a sub-representação do autismo feminino. A conclusão do estudo destaca a necessidade de adaptar os critérios diagnósticos para melhor refletir a diversidade do espectro autista e promover uma identificação mais equitativa entre gêneros.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta aproximadamente 1% da população mundial, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ou DSM-5 (*American Psychological Association* [APA], 2013). De acordo com o manual, o TEA é caracterizado por A: “déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos” e B: “padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”.

Este trabalho busca explorar a discrepância entre diagnósticos de autismo em meninas e diagnósticos de autismo em meninos, além de analisar os possíveis fatores que contribuem para essa diferença. O DSM-5 (2013) aponta que pessoas do sexo masculino são diagnosticadas com autismo quatro vezes mais frequentemente que pessoas do sexo feminino. Nosso intuito é responder uma questão principal acerca desse fenômeno: Seria a baixa identificação do autismo em mulheres causada por fatores socioculturais ou fatores sintomáticos?

Segundo Almeida *et al.* (2023), a compreensão e o diagnóstico do TEA têm sido baseados em estudos predominantemente masculinos, levando a um viés significativo na identificação de meninas e mulheres com o transtorno. Além disso, mulheres frequentemente apresentam sintomas de forma mais sutil, o que leva a um subdiagnóstico ou diagnóstico tardio (Lai *et al.*, 2015). Pesquisas recentes indicam que mulheres autistas podem, inclusive, desenvolver estratégias de camuflagem mais sofisticadas do que os homens, escondendo suas dificuldades sociais e comportamentais (Hull *et al.*, 2020).

Justificativa

A identificação precoce do TEA é essencial para a implementação de intervenções e tratamentos que podem melhorar significativamente a qualidade de vida de pessoas autistas. A falta de reconhecimento e diagnóstico adequado em meninas não só dificulta o acesso a esses serviços, mas também pode trazer a elas sentimentos de confusão e frustração no cotidiano.

Entender essas diferenças é crucial para desenvolver práticas diagnósticas mais equitativas e eficazes. A análise comparativa de gênero que buscamos fornecer não apenas mostrará as disparidades no diagnóstico, mas também revelará a necessidade de critérios diagnósticos mais inclusivos e sensíveis às manifestações de TEA no gênero feminino.

Segundo Gould (2017), a inclusão de questões específicas de gênero nos instrumentos de avaliação pode melhorar a identificação e o suporte a mulheres autistas. Nosso trabalho visa contribuir para essa discussão, apresentando uma revisão de artigos científicos e pesquisas de campo que contribuem positivamente para um maior reconhecimento clínico e social do TEA em meninas e mulheres. Temos como foco a necessidade de uma melhor adaptação e refinamento dos métodos diagnósticos para refletir a diversidade de apresentações do TEA entre os gêneros. Esperamos que nossas descobertas possam contribuir para a conscientização e adaptação dos métodos diagnósticos na área da Psicologia, promovendo uma inclusão mais igualitária de indivíduos com TEA, independentemente do gênero.

Objetivos

Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo investigar e analisar a prevalência de diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre meninos e meninas, identificando os possíveis fatores que contribuem para a diferença de gênero observada nesses diagnósticos.

Objetivos Específicos

- I. Determinar a prevalência do autismo em meninos e meninas.
- II. Analisar os fatores socioculturais que dificultam a identificação do autismo em meninas.
- III. Descrever e comparar a apresentação de sintomas entre meninos e meninas autistas.

Fundamentação Teórica

O Autismo Visto por Uma Lente Masculina

As bases para a descrição do que hoje é denominado o Transtorno do Espectro Autista (TEA) já tinham sido consideradas por diversos pesquisadores antes do autismo se tornar um conceito independente na área da Psicologia.

Em 1913, o termo “autismo” foi publicado pela primeira vez por Bleuler em um artigo chamado “Pensamento Autístico”. O termo é originado da palavra grega *αυτός* (autós), que pode ser traduzida como “si mesmo”, e do sufixo *-ismo*, que caracteriza um conceito patológico. Nesse artigo, Bleuler analisou um paciente esquizofrênico e notou que o mesmo aparentava viver em um mundo paralelo à realidade e que apresentava fantasias idealistas sobre sua própria vida. Adicionalmente, o pesquisador denominou essa condição de “autismo” e a definiu como um alheamento do mundo externo e fuga total ou parcial para a vida interna (Piccolo, 2024).

Em 1943, Kanner propôs uma descrição própria para o autismo citado por Bleuler, denominando esta condição, na época, de “distúrbios autísticos do contato afetivo”. As crianças autistas observadas por Kanner apresentavam sintomas distintos desde o começo de suas vidas, como uma dificuldade forte de relacionamento com outras pessoas, incluindo a “solidão autística” proposta por Bleuler, e uma necessidade de manter suas rotinas e objetos organizados sempre da mesma maneira. Um ano depois desses descobrimentos, Asperger notou padrões semelhantes, porém distintos daqueles descritos por Kanner, em outro grupo de crianças. Tais crianças apresentavam uma dificuldade no contato social, ausência de empatia, fixação anormal em assuntos e interesses específicos e um padrão de fala consideravelmente formal em comparação com outras crianças da mesma idade (Dalgalarondo, 2019, p. 328).

Em 1994, as duas descrições apresentadas por Kanner e Asperger passaram a ser reconhecidas pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10) e pelo DSM-4 como autismo clássico e Síndrome de Asperger, respectivamente (Santos & Amarin, 2021). Anteriormente, em 1981, o termo “Síndrome de Asperger” (SA) havia sido usado pela primeira vez por Wing, em uma tentativa de indicar que tanto o autismo clássico de Kanner quanto a SA faziam parte de um *continuum*, ou espectro (Wing, 2002, p. 418). Apenas em 2013, com o lançamento da 5ª edição do DSM, o conceito de autismo passou a ser chamado de Transtorno do Espectro Autista, englobando transtornos como o autismo infantil, autismo de Kanner (ou autismo clássico), autismo de alto funcionamento, transtorno global do desenvolvimento, Síndrome de Asperger, entre outros (APA, 2013).

Mesmo considerando os avanços significativos em relação ao TEA nas últimas duas décadas, ainda há espaço para aprimoramento dos métodos diagnósticos usados por profissionais da Saúde. Uma preocupação recente de alguns pesquisadores, por exemplo, é a falta de participantes do gênero feminino em pesquisas que determinam critérios de diagnóstico e conduta clínica direcionados a pessoas autistas, assim como é descrito por Brickhill:

É provável que um viés de gênero tenha infiltrado pesquisas acadêmicas, resultando em uma falta de sensibilidade direcionada à sintomatologia de mulheres com TEA, já que as ferramentas de diagnóstico atuais para o autismo são presumidamente voltadas aos fenótipos de autismo masculinos. Isso pode ser parcialmente atribuído ao fato de que pesquisas sobre o autismo favorecem participantes do gênero masculino a participantes do gênero feminino. Esse viés nas amostras provavelmente contribui ao motivo das apresentações masculinas do autismo serem frequentemente usadas como guia para a elaboração e implementação das ferramentas diagnósticas atuais, exacerbando a subidentificação de mulheres autistas (Brickhill *et al.*, 2023, tradução nossa). [1]

Essa teoria pode ser exemplificada justamente pelos estudos e observações dos primeiros pesquisadores a apresentar o conceito de autismo, cuja perspectiva influenciou consideravelmente os critérios diagnósticos atuais do TEA. Bleuler usou o termo “autismo” pela primeira vez na década de 1910 para descrever um paciente do gênero masculino (Piccolo, 2024). Kanner, em 1943, observou oito meninos e três meninas para definir o autismo clássico. Por último, Asperger constou em sua publicação *“Psicopatia Autística na Infância”* que, de todas as crianças entrevistadas, a condição autística ainda sem nome foi identificada quase exclusivamente em meninos, notando ainda que algumas meninas apresentavam sintomas “parecidos” aos meninos, mas não eram propriamente formados (Rivet & Matson, 2011, p. 957-976, *apud* Asperger, 1944, Frith, 1991). Essa disparidade nos leva a uma questão um tanto pertinente para a análise do autismo feminino: afinal, existem mais casos de TEA em homens do que em mulheres?

A prevalência do TEA na população mundial e nacional é um tópico de discussão relevante entre os profissionais da Saúde atualmente. De acordo com os dados mais recentes do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, 2023) nos Estados Unidos, a taxa de prevalência do TEA é de cerca de 1 a cada 36 crianças (2,8%). Porém, é importante ressaltar que esses dados foram coletados em comunidades estadunidenses e não são representativas da população geral. Em contraste, uma pesquisa brasileira aponta que a estimativa da prevalência mundial do autismo é de 0,42% (Norte, 2017). Adicionalmente, tanto o CDC quanto o DSM-5 sugerem que a razão de diagnósticos entre homens e mulheres é de 4:1, ou seja, pessoas do sexo masculino apresentam quatro vezes mais chances de serem diagnosticadas com TEA do que aquelas do sexo feminino. Contudo, alguns estudos fornecem uma visão mais ampla desses dados, propondo até que podem ser equivocados. Segundo Loomes *et al.* (2017), os estudos presentes sobre a prevalência do autismo em mulheres demonstram uma variabilidade significativa que levou os autores da pesquisa a questionarem o valor desses dados. Ao analisar pesquisas que levam em consideração a razão natural entre homens e mulheres na população mundial, chegou-se à conclusão de que a prevalência do autismo entre os dois sexos seria mais próxima de 3,5:1, ao invés de 4:1, como havia sido sugerido previamente pelo CDC e DSM-5.

Inicialmente, a diferença pode não parecer substancial, mas Loomes *et al.* (2017) fornecem também uma análise crucial para o entendimento dessa disparidade. Segundo os autores, estudos ativos (ou seja, que buscam pessoas com TEA independente se estas foram clinicamente diagnosticadas) determinam que entre 100 casos de TEA, aproximadamente 24 eram do sexo feminino, enquanto estudos passivos (ou seja, que apenas identificam pessoas com TEA se estas foram clinicamente diagnosticadas) apresentam aproximadamente 18 mulheres em 100 casos. Há algumas hipóteses sobre o motivo dessa diferença. A princípio, podemos considerar a teoria de que garotas autistas têm um risco maior em comparação aos garotos de serem subdiagnosticadas, mal-interpretadas ou obterem um diagnóstico tardio. Além disso, esses subdiagnósticos podem ser frutos de uma falta de consideração e sensibilidade para o fenótipo de autismo feminino ou podem até mesmo surgir de um viés enraizado na sociedade, que considera o TEA uma condição puramente masculina (Loomes *et al.*, 2017). Assim, meninas autistas não recebem um diagnóstico precoce, pois seus sintomas não se encaixam em critérios que favorecem o fenótipo masculino (Brickhill *et al.*, 2023), são agrupados com sintomas depressivos e ansiosos, ou são simplesmente ignorados por profissionais (Loomes *et al.*, 2017). Porém, é importante ressaltar que os resultados dessa pesquisa demonstram claramente, segundo os próprios autores, o fato de que pessoas do sexo masculino são mais vulneráveis ao TEA. Mesmo assim, os dados corroboram a preocupação da comunidade autista de que uma mudança nos métodos de pesquisa é necessária para acomodar as perspectivas e experiências únicas de mulheres autistas (Pellicano, Dinsmore & Charman, 2014), possivelmente contribuindo para a criação de métodos diagnósticos e de tratamento mais adequados.

Quando analisamos as possíveis causas dessa disparidade, nos deparamos com dois aspectos do autismo feminino que devem ser considerados: os aspectos socioculturais e os aspectos sintomáticos.

Aspectos Socioculturais e Sintomáticos do Autismo Feminino

Estudos recentes, como o de Beggiano *et al.* (2017), indicam que as mulheres podem estar sendo subdiagnosticadas devido a uma variedade de fatores socioculturais e diferenças na apresentação dos sintomas. Este capítulo explora esses aspectos, fornecendo uma visão abrangente das particularidades do autismo feminino. Como foi citado previamente por Loomes *et al.* (2017), os critérios diagnósticos atuais para TEA podem não capturar adequadamente as manifestações do autismo em mulheres. Loomes *et al.* (2017) destacam, além disso, que as mulheres autistas frequentemente apresentam menos comportamentos repetitivos e interesses restritos, que são critérios diagnósticos chave, mas podem ter maior dificuldade com habilidades sociais e comunicação.

As expectativas socioculturais sobre comportamentos femininos podem influenciar a percepção e o diagnóstico do autismo. As meninas são frequentemente socializadas para serem mais comunicativas e empáticas, o que pode mascarar os sintomas do autismo ou levar a um diagnóstico mais tardio. Beggiano *et al.* (2017) sugerem que as meninas podem desenvolver estratégias de camuflagem social, adaptando-se melhor às normas sociais, o que dificulta a identificação de TEA. O estigma associado ao autismo pode ser amplificado em mulheres devido aos estereótipos de gênero. A invisibilidade do autismo feminino muitas vezes resulta em uma falta de reconhecimento e apoio adequado. A partir desse estigma, muitas meninas com TEA são erroneamente diagnosticadas com outros transtornos, como depressão, ansiedade ou transtornos de personalidade (Loomes *et al.*, 2017).

Mulheres autistas frequentemente mostram uma maior motivação para interações sociais do que homens autistas. Elas podem entender melhor as normas sociais e interagir com o mundo exterior de forma mais claramente interessada. Estudos mostram que meninas autistas falam sobre grupos sociais com mais frequência que meninos autistas durante conversas. Além disso, garotas autistas apresentam uma preferência maior por pronomes na terceira do plural (“eles/elas”) em comparação a meninas neurotípicas, o que pode ser indício de um reconhecimento de exclusão social (Song *et al.*, 2021). Meninas autistas também têm mais chance de serem avaliadas positivamente em relação a suas habilidades sociais do que meninos autistas. Ao conversar com pessoas desconhecidas, tais pessoas notaram um nível bom de habilidade social tanto em meninas autistas como em meninas neurotípicas, mas não disseram o mesmo em relação a meninos autistas (Cola *et al.*, 2020).

Por mais que as mulheres autistas consigam mostrar um nível maior de interesse social, elas ainda enfrentam dificuldades significativas e requerem um grande esforço para mantê-las. Elas podem apresentar uma linguagem mais rica que os homens e uma maior capacidade de imitar comportamentos sociais, o que pode mascarar dificuldades subjacentes (Beggiano *et al.*, 2017). Em relação a essa “camuflagem social”, também podemos citar uma observação curiosa sobre os interesses restritos de meninas com TEA, que dificulta ainda mais a identificação do transtorno. Essa característica fundamental do diagnóstico pode ser vista como socialmente aceitável, menos evidente e menos estereotipada quando as normas sociais são levadas em conta. Por exemplo, ao invés de interesses intensos por números ou tecnologia, as garotas autistas podem ter fascínio por livros, animais ou pessoas, como indicam Beggiano *et al.* (2017).

Todos esses fatores podem influenciar consideravelmente a identificação do autismo feminino, a ponto de inclusive prejudicar a saúde mental e o conforto cotidiano dessas mulheres. Ao serem subdiagnosticadas, receberem um diagnóstico tardio ou até mesmo passarem uma grande parte de suas vidas sem entender o fruto de suas frustrações, as garotas autistas chegam a sofrer de forma mais silenciosa que os meninos autistas, especialmente quando consideramos que o sofrimento silencioso das mulheres na sociedade é um padrão histórico e contínuo. O mundo em que vivemos apresenta déficits significativos na inclusão social de pessoas com TEA, e essa falta de reconhecimento se torna ainda mais notável quando ouvimos as perspectivas e vivências únicas de meninas autistas, cujas necessidades não são sempre cumpridas como deveriam ser.

Metodologia

Para este estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica com objetivo de sintetizar as informações presentes em artigos científicos, teses, dissertações e livros sobre a prevalência do diagnóstico de autismo nos sexos masculino e feminino.

Para os artigos, teses e dissertações foram utilizadas plataformas de busca online usando os seguintes descritores: "mulheres" E "autismo" na plataforma SciELO; "mulheres" OU "meninas" E "prevalência" E "autismo" na plataforma Google Acadêmico; "girls" AND "autism" na plataforma PubMed.

Foram incluídos apenas estudos publicados na língua portuguesa ou inglesa. Tais estudos foram pré-selecionados levando em conta seus títulos e resumos. Após esta seleção, foi realizada a leitura na íntegra dos artigos e capítulos de livros, teses e dissertações mais relevantes.

Resultados

O diagnóstico do TEA é puramente clínico e, como qualquer outra ferramenta clínica, passível de erros e critérios equivocados. Nosso estudo constatou que o próprio histórico de evolução do transtorno criou um viés na sua prevalência, ao priorizar a análise e acompanhamento de pacientes do sexo masculino. Ainda que estudos neurobiológicos recentes busquem encontrar diferenças entre meninos e meninas autistas em relação ao funcionamento cerebral, não podemos descartar condicionantes socioculturais e discrepâncias na sintomatologia de ambos os grupos. Afinal, ainda há uma escassez de pesquisas neurobiológicas que visam analisar o cérebro de mulheres autistas, a maioria apresentando amostras insignificantes para a apresentação de um resultado definitivo. Portanto, fatores como comportamento, apresentação de sintomas e normas de gênero sociologicamente observadas podem fornecer uma visão abrangente da experiência autista no sexo feminino.

Um ponto relevante que observamos com o levantamento bibliográfico é que as pesquisas mais avançadas indicam a possibilidade de um autismo particularmente feminino, com fenótipos diferentes do masculino e, por isso, as ferramentas diagnósticas precisam ser adequadas a essas novas descobertas. É a partir dos próprios erros cometidos com o diagnóstico clínico no passado que podemos adaptar e aprimorar o sistema de critérios no futuro, para a criação de uma ferramenta mais inclusiva e consciente da diversidade no espectro autista.

Além disso, o conhecimento sistemático do autismo feminino ainda não alcançou o Brasil, o que dificulta consideravelmente a identificação de mulheres autistas brasileiras e propaga ainda mais a invisibilidade e desvalorização de suas experiências.

Conclusão

A análise da prevalência do autismo entre meninos e meninas revela uma disparidade significativa nos diagnósticos, com uma predominância marcante de casos no sexo masculino. Esta diferença tem sido atribuída a uma combinação de fatores biológicos, socioculturais e sintomáticos que influenciam tanto a manifestação dos sintomas quanto a percepção e interpretação desses sintomas pelos profissionais da Saúde e pela sociedade em geral. Entretanto, pesquisas neurobiológicas que suportam essas análises ainda são escassas, considerando o viés de gênero nas amostras.

Mesmo na falta dessas pesquisas, os estereótipos de gênero ainda assim desempenham um papel crucial na sub-representação do autismo feminino. A expectativa cultural de comportamentos socialmente aceitos para meninas autistas pode levar à camuflagem social, onde estas aprendem a imitar comportamentos neurotípicos para se sentirem “normais”. Essa camuflagem torna a identificação dos sintomas do autismo mais difícil, resultando em diagnósticos tardios ou errôneos.

Além disso, a apresentação diferenciada dos sintomas entre os gêneros contribui para a baixa prevalência observada em meninas. Enquanto os meninos podem exibir comportamentos mais estereotipados e visíveis, as meninas frequentemente apresentam sintomas mais sutis, como dificuldades na comunicação social e interesses restritos que não se destacam tanto quanto os dos meninos. A falta de ferramentas diagnósticas sensíveis às nuances do fenótipo feminino no autismo agrava ainda mais essa disparidade.

Para enfrentar essa desigualdade, é essencial que haja uma conscientização maior sobre as diferenças principalmente socioculturais e sintomáticas na manifestação do autismo feminino. Profissionais da Saúde devem ser treinados para reconhecer e interpretar os sinais de autismo em meninas, considerando as diferenças na apresentação dos sintomas. Além disso, a pesquisa contínua sobre os fatores específicos de gênero no autismo é vital para desenvolver critérios diagnósticos mais inclusivos e eficazes, principalmente nos campos clínico e biológico.

Aumentar a precisão dos diagnósticos de autismo em meninas não só promoverá uma maior equidade no tratamento e no suporte oferecido, mas também contribuirá para uma compreensão mais abrangente e justa do espectro autista.

Referências

- ALMEIDA, L. C. S *et al*, Dificuldades na Avaliação Neuropsicológica do Transtorno do Espectro Autista em Meninas, Revista FACSET Health Sciences, Minas Gerais, v. 3, 2023.
<https://facsete.com.br/revista/index.php/FACSETEHealthSciences/article/view/33>, acessado em Abril/2024.
- AMBER, S. *et al*, Natural Language Markers of Social Phenotype in Girls, The Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 62, p. 949-960, EUA, 2021.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5), 5th Edition.
<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5>. Acessado em abril/2024.
- AUTISMO E REALIDADE, Camuflagem social x Diagnóstico de TEA no Público Feminino. Website, publicado em 25/02/2022 em <https://autismoerealidade.org.br/2022/02/25/camuflagem-social-x-diagnostico-de-tea-no-publico-feminino/>, acessado em abril/2024.
- BEGGIATO, A. *et al*, Gender differences in autism spectrum disorders: Divergence among specific core symptoms, Autism Res, EUA, v.10, n.4, p.680-689, abril/2017 <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27809408>, acessado em maio/2024.
- BOORSE, J. *et al*, Linguistic Markers of Autism in Girls: Evidence of a "Blended Phenotype" During Storytelling, Journal Molecular Autism, EUA, março/2019. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30962869/>, acessado em abril/2024.
- BRICKHILL, RAE *et al*, Autism, the Name is Man: Exploring Implicit and Explicit Gender Bias in Autism Perceptions, PLoS One, v.18, n.8, 2023. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10446214/pdf/pone.0284013.pdf>, acessado em abril/2024.
- COLA, M. L. *et al*, Sex Differences in the First Impressions Made by Girls and Boys with Autism, Journal Molecular Autism, EUA, junho/2020.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32546266/>, acessado em maio/2024.
- COUTINHO, F. T., DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM NA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física - Psicomotricidade Clínica e Escolar), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- DALGALARRONDO. P. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. Porto Alegre, Artmed, 3 ed., 2019.
- DEL BIANCO, T. *et al*, Unique Dynamic Profiles of Social Attention in Females, The Journal of Child Psychology and Psychiatry, EUA, v.63, n.12, p.1602-1614, Dez./2022. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23935125/>, acessado em abril/2024.
- FERREIRA, J., ABRÃO, J. L., O Sistema de Encapsulamento: A Evolução dos Conceitos de Forma e Objetos Autísticos na Obra de Frances Tustin, Revista Estilos da Clínica, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 398-413, mai./ago. 2014.
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p398-413>, acessado em maio/2024.
- FLORIS, D. L. *et al*, Towards robust and replicate sex differences in the intrinsic brain of autism, Journal Molecular Autism, EUA, v.12, n.1, março/2021. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33648569/>, acessado em abril/2024.
- GONÇALVES, A. P., DA SILVA, B., MENEZES, M. Transtornos do Espectro Autista e Psicanálise: Revisando a Literatura, Tempo. Psicanal., Rio de Janeiro, v. 49, n.2, 2017. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200008#:~:text=Em%201944%2C%20Bruno%20Bettelheim%20afirmou,a%20%22m%C3%A3e%2Dgela%20deira%22, acessado em abril/2024.
- HAMMILL, C. *et al*, Quantitative and Qualitative Sex Modulations in the Brain Anatomy of Autism, J. Biological Psychiatry, v. 6, p. 898-909, set./2021. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33713843/>, acessado em maio/2024.
- HUYSAMEN, M. *et al*, Short report: Recommendations for education, clinical practice, research, and policy on promoting well-being in autistic youth and adults through a positive focus on sexuality and gender diversity, Journal Autism, EUA, v.28, n.3, p.770-779, março/2024. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37530121/>, acessado em maio/2024.
- LAI, M. C. *et al*, Neural self-representation in autistic women and association with "compensatory camouflaging", Autism: the international journal of research and practice, EUA, v.23, n.5, p.1210-1223, julho/2019.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30354191/>, acessado em abril/2024.
- LAI, M. C. *et al*, Subgrouping the Autism "Spectrum": reflections on DSM-5, Journal P. Bio, EUA, v.11, n4, Abril/2013.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23630456/>, acessado em maio/3024.
- LAI, M. C. *et al*. Quantifying and Exploring Camouflaging in Men and Women with Autism, Sage Journals (Autism), nov./2016.
<https://doi.org/10.1177/1362361316671012>, acessado em Abril/2024.
- LAI, M. C., BARON-COHEN, S, BUXBAUM, J., Understanding autism in the light of sex/gender, Journal Molecular Autism, EUA, maio/2015. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35634865/>, acessado em maio/2024.
- LAI, M.C. *et al*, A behavioral comparison of male and female adults with high functioning autism spectrum conditions, PLoS One, EUA, v.6, n.6, jun./2011. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21695147/>, acessado em abril/2024.
- LOOMES, R., Hull L, Mandy WPL, What is the Male-to-Female Ratio in Autism Spectrum Disorder? A Systematic Review and Meta-Analysis, Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, EUA, (2017).
<https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1558343/1/Loomes.pdf>, acessado em maio/2024.
- LOPES, B. A., Autismo e Culpabilização das Mães: Uma Leitura de Leo Kanner e Bruni Bettelheim, Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017,ISSN 2179-510X.
[1503543977_ARQUIVO_AUTISMO-E-CULPABILIZACAO-DAS-MAES-UMA-LEITURA-DE-LEO-KANNER-E-BRUNO-BETTELHEIM.pdf \(dype.com.br\)](https://www.dype.com.br/1503543977_ARQUIVO_AUTISMO-E-CULPABILIZACAO-DAS-MAES-UMA-LEITURA-DE-LEO-KANNER-E-BRUNO-BETTELHEIM.pdf), acessado em abril/2024.
- MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L., Um percurso pela Psiquiatria Infantil: dos Antecedentes à origem do Conceito de Autismo, Revista Estilos da Clínica, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, mai./ago. 2014, <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p244-262>, em maio/2024.
- MAS, N. A., Transtorno do Espectro Autista - história da construção de um diagnóstico. 2018. Dissertação de Mestrado (Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-191739/publico/mas_me. Acessado em abril/2024.
- NORTE, D. M. PREVALÊNCIA MUNDIAL DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: REVISÃO SISTEMÁTICA E METANÁLISE. 2017. Dissertação de mestrado (Medicina), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178988/001063354.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, acessado em maio/2024.
- ORTEGA, F., Deficiência, autismo e neurodiversidade, Revista Ciência & Saúde Coletiva Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 67-77.
https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v14n1/a12v14n1.pdf. Acessado em Abril/2024.
- ORTEGA, F., O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade, Revista MANA, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008. <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?format=pdf&lang=pt>, acessado em maio/2024.
- PELLICANO E, DINSMORE A, CHARMAN T. What Should Autism Research Focus upon? Community views and priorities from the United Kingdom, EUA, Autism, vol 18, n.7, p. 756-770, outubro/2014. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24789871/>, acessado em abril/2024.
- PEREIRA, M. E. L. Bleuler e a Invenção da Esquizofrenia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v .III, n.1, p. 158-163, 2000. <https://www.scielo.br/j/rjlpf/a/7DTmXKJzw8JbbDcRP97W6Hy/?format=pdf&lang=pt>, acessado em maio/2024.
- TAFURI, M. I., O Início do Tratamento Psicanalítico com Crianças Autistas: Transformação da Técnica Psicanalítica? Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v .III, n.4, p. 122-145, 2000.
<https://www.scielo.br/j/rjlpf/a/5cGmkgGWtBFdjGqtDN7vQZH/?lang=pt&format>, acessado em maio/2024.
- TAYLOR, T. R., MATSON, J.L., Review of Gender Differences in Core Symptomatology in Autism Spectrum Disorders, EUA, J. Research in Autism Spectrum Disorders, v.5, p.957-976, julho/2011.
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1750946710001820>, acessado em abril/2024.
- WING, L., Past and Future of Research on Asperger Syndrome. *in* KLIN, A. (ed.), Asperger Syndrome, NY: The Guilford Press, 2000. <http://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/53497/1/192.pdf#page=423>, acessado em abril/2024.